

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

BÁRBARA SANTOS DE OLIVEIRA

PENSAMENTOS E ESCRITOS SOBRE O ATO DE COMPOR EM DANÇA:
relatos sobre experiências de uma artista, professora e pesquisadora

Porto Alegre
2023

BÁRBARA SANTOS DE OLIVEIRA

PENSAMENTOS E ESCRITOS SOBRE O ATO DE COMPOR EM DANÇA:
relatos sobre experiências de uma artista, professora e pesquisadora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Dança.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Luciana Paludo

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Bárbara Santos de
PENSAMENTOS E ESCRITOS SOBRE O ATO DE COMPOR EM
DANÇA: relatos sobre experiências de uma artista,
professora e pesquisadora / Bárbara Santos de
Oliveira. -- 2023.
52 f.
Orientador: Luciana Paludo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Educação Física, Licenciatura em Dança, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. Dança. 2. Licenciatura em Dança. 3.
Escrevivência. 4. Composição coreográfica. 5.
Professora-artista. I. Paludo, Luciana, orient. II.
Titulo.

BÁRBARA SANTOS DE OLIVEIRA

PENSAMENTOS E ESCRITOS SOBRE O ATO DE COMPOR EM DANÇA:
relatos sobre experiências de uma artista, professora e pesquisadora

Conceito final: A

Aprovado em 05 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mônica Fagundes Dantas

UFRGS

Orientadora - Prof.^a Dr.^a Luciana Paludo

UFRGS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à base que me sustenta, alicerça e enraíza nesse solo chamado vida, meus pais e minha irmã: Gilmara Peres Santos, Nilton Cesar Souza de Oliveira e Bianca Santos de Oliveira. Sem vocês, eu nada seria. Obrigada por todo o apoio e suporte ao longo de uma vida dedicada à dança, da infância à Universidade. Obrigada por sempre acreditarem em mim e nos meus sonhos, mas principalmente por me ajudarem a transformar todos eles em realidade. Obrigada pelo colo, pelos abraços, pelo afeto, pelas palavras de incentivo, por não desistirem de mim e por não me deixarem desistir de seguir... com a dança, com o curso, com a escrita deste trabalho e com a vida. Ao agradecer e reverenciar vocês, agradeço também a toda a minha família, aos quais não citarei nomes, pois são muitos. Sou privilegiada por ter uma família grande e unida, que me ampara e acompanha a cada passo dado nessa vida.

Agradeço também às orientadoras Flavia Pilla do Valle e Luciana Paludo, por me conduzirem até aqui. Fafá por me orientar no TCC I e Lu por me orientar no TCC II: vocês são inspiração e referência, mostrando que a Universidade pode ser sensível, afetiva e acolhedora. Obrigada por acreditarem nesta pesquisa, por estarem sempre abertas e disponíveis para mim e minhas questões, não só na escrita deste trabalho, mas durante toda minha trajetória universitária. Mesmo quando eu duvidei de mim, vocês me encorajaram a continuar e não desistir. Obrigada!!! Ao agradecer e reverenciar vocês, agradeço também a todas as professoras e professores do curso de Licenciatura em Dança da UFRGS.

Agradeço a todos os funcionários desta Universidade pública, gratuita e de qualidade, principalmente aos funcionários da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

Agradeço também ao Coletivo Corpo Negra. Minhas irmãs: de curso e de vida. Mulheres que me inspiram e são as responsáveis por hoje, mais do que nunca, eu me ver e entender como uma mulher negra e artista.

Na condição de mulher e negra, agradeço e reverencio todas as mulheres negras que vieram antes de mim e que correram muito para que hoje eu pudesse caminhar com calma e esperança.

RESUMO

Esta pesquisa consiste num trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Dança, a qual busca evidenciar aspectos da criação em dança que foram desenvolvidos e vivenciados no percurso da graduação da pesquisadora. Ao relacionar essas vivências de criação em dança com a formação em uma licenciatura em Dança, os relatos de experiência são inspirados no conceito de Escrevivência, de Conceição Evaristo. Considera que o conjunto dos processos de criação realizados durante a formação na graduação em Dança colaboram para a constituição do perfil do egresso do curso. Nesse sentido, reitera que a composição coreográfica coloca em jogo e funcionamento saberes que são essenciais para a formação de uma profissional da área da dança.

Palavras-chave: Dança; Licenciatura em Dança; Escrevivência; Composição coreográfica; Professora-artista.

ABSTRACT

This research consists of a conclusion work for a degree in Dance, which seeks to highlight aspects of creation in dance that were developed and experienced during the researcher's graduation. By relating these experiences of creation in dance with training in a degree in Dance, the experience reports are inspired by the concept of Writing, by Conceição Evaristo. It considers that the set of creation processes carried out during undergraduate training in Dance contribute to the constitution of the profile of the graduate of the course. In this sense, it reiterates that the choreographic composition puts into play and functioning knowledge that is essential for the formation of a professional in the field of dance.

Keywords: Dance; Degree in Dance; Escrivivência; choreographic composition; Teacher-artist.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto de André Olmos (2016).....	19
Figura 2 - Foto de Anderson Portella (2016).....	20
Figura 3 - Foto de André Olmos (2016).....	20
Figura 4 - Registro Mix Dance (2017).....	21
Figura 5 - Registro Mix Dance (2017).....	22
Figura 6 - Registro Mix Dance (2017).....	23
Figura 7 - Registro do Coletivo antes de uma das apresentações.....	24
Figura 8 - Registro de uma apresentação.....	26
Figura 9 - Registro de uma apresentação, foto de Nando Espinosa.....	26
Figura 10 - Registro de uma apresentação, foto de Nando Espinosa.....	27
Figura 11 - Registro de uma apresentação, foto de Nando Espinosa.....	29
Figura 12 - Registro de uma apresentação, foto de Gabriehl Oliveira.....	30
Figura 13 - registro de apresentação, foto de Gabriehl Oliveira.....	30
Figura 14 - Registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira.....	43
Figura 15 - Registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira.....	43
Figura 16 - Registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira.....	44
Figura 17 - Registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira.....	44
Figura 18 - Registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira.....	45
Figura 19 - registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 PARTICIPAÇÃO NO COLETIVO CORPO NEGRA	14
2.1 Sobre “Baile Black”	18
2.2 Sobre “A Revolta Vem À Tona”	21
2.3 Sobre “Deus É Mulher”	24
2.4 Sobre “Deusa das Águas”	28
2.5 Sobre a pandemia, a pausa e o Legado	31
3 SOBRE “DANÇARELO”	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Olá,

Sintam-se convidadas e convidados à leitura deste texto, que busca evidenciar e registrar alguns aspectos e pensamentos sobre criação em dança, desenvolvidos e vivenciados no percurso desta graduação. Reflexões sobre composição coreográfica e sua relação com o fazer artístico se tornam os pilares desta escrita, partindo de experiências discentes e docentes ao palco. Escrita de uma acadêmica que entrou na graduação de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2016. Dos quatorze anos de existência deste curso, vivenciei sete anos nesta graduação, criada no ano de 2009, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), localizada no bairro Jardim Botânico, de Porto Alegre. Entre muitas aulas práticas, aulas teóricas, leituras, pesquisas, saídas de campo, estágios e projetos de extensão, são sete anos de muitas idas e vindas de trem e ônibus durante manhãs, tardes e noites. Para escrever este TCC busquei em minhas memórias, nos meus arquivos de fotografias e vídeos, registros de algumas disciplinas do curso e nos meus afetos, os dados para desenvolver a discussão. O conceito de escrevivência de Conceição Evaristo foi um guia metodológico para o relato de experiências que compõem esta pesquisa. Escrevivência é um termo que une as palavras “escrever” e “vivência”, sendo a escrita das vivências de mulheres negras uma importante ferramenta metodológica para o desenvolvimento deste trabalho sobre minha experiência na graduação, principalmente amparada por minha vivência no Coletivo Corpo Negra.

Sou natural de Sapucaia do Sul, um município da Região Metropolitana de Porto Alegre, localizado a cerca de 35 km da ESEFID. Para chegar ao câmpus de transporte público, o percurso demanda 1h30 minutos para ir e 1h30min para voltar. Emancipada como parte integrante do município de São Leopoldo em 1961, no dia 20 de agosto de 2022, Sapucaia do Sul completou seus 61 anos de história.

Segundo o IBGE (2021), apesar de relativamente pequena em área territorial, Sapucaia do Sul possui cerca de 142.508 habitantes, no entanto é provida de poucos pontos turísticos, artísticos, culturais e de lazer. Por isso, é comumente considerada uma cidade-dormitório, onde há um grande fluxo de habitantes se deslocando para outros municípios todos os dias em função de trabalho e estudos.

Todas as manhãs, partem trens lotados de Sapucaia do Sul, rumo a municípios como São Leopoldo, Canoas e Porto Alegre. Assim como fiz ao longo destes sete anos, em direção ao curso de Dança da UFRGS.

Atuando com dança no município de Sapucaia do Sul e Região Metropolitana de Porto Alegre desde os 15 anos de idade, ingressei no curso de dança aos 18 anos, com a finalidade de me profissionalizar e expandir meus conhecimentos, para alcançar o título de licenciada e atuar formalmente também em escolas. Ao pesquisar sobre o currículo do curso e seu projeto político pedagógico, percebe-se a criação em dança como um dos pilares da graduação. O curso de Licenciatura em Dança da UFRGS, segundo seu projeto pedagógico, assume como missão "formar professores comprometidos com a produção artística em dança, que acolham a diversidade cultural e que atuem com responsabilidade político-social" (UFRGS, 2011, p. 5-6). A organização curricular do curso se embasa em três campos de saberes, sendo eles: campo de saberes teórico-epistemológico; campo de saberes da experiência artística; e campo de saberes da experiência docente. Vejamos o trecho a seguir:

O campo de saberes teórico-epistemológico visa o domínio dos instrumentos do conhecimento, através da apropriação crítica de conceitos e métodos de investigação oriundos de diferentes áreas, buscando construir concepções e práticas adequadas para o ensino e a criação em dança em diferentes contextos, delineando identidades do professor/profissional de dança. O campo de saberes da experiência artística busca articular a aquisição de repertórios de saberes codificados pertencentes a diferentes tradições da dança à experiência da criação artística, buscando qualificar a formação do professor e do pesquisador. O campo de saberes da experiência docente visa integrar a experiência artística e seus pressupostos teórico-epistemológicos a fim de elaborar abordagens metodológicas para o ensino da dança, buscando evidenciar a relevância da arte nas atividades humanas. Os três campos de saberes são atravessados por um conjunto de atividades de ensino que buscam suavizar os limites e articular os conhecimentos específicos de cada campo. Estas atividades são reunidas num campo denominado intersecção de saberes (UFRGS, 2012, p. 7-8).

Destes campos, destaco no que tange os saberes teórico-epistemológico a construção de concepções e práticas adequadas para o ensino e a criação em dança. Sobre saberes da experiência artística, destaco a finalidade de experiência da criação artística. No campo das experiências docentes, investigo a relação da criação em dança com a prática docente. Mas, de que forma criamos dança na universidade? Criar é compor? Tangenciar o ato de compor é problematizar um dos

maiores mistérios da criação em arte, em arte da dança. De onde vem a inspiração? Como criamos? A criatividade se exercita? Para ser professora de dança é preciso criar?

Neste curso, vivenciei muitas experiências, pautadas em ensino, pesquisa e extensão. Dentre elas, no semestre 2022/1, me aprofundei em estudos sobre *composição coreográfica*, atuando como monitora estudantil na disciplina de Estudos em Composição Coreográfica I, e aluna na disciplina de Estudos em Composição Coreográfica II. Neste mesmo semestre, tive a experiência de compor “DançarElo”¹, em um processo individual de pesquisa e experimentações corporais em grupo, sob orientação de Luciana Paludo. Para criar “DançarElo”, busquei resgatar minha história e, a partir de uma tarefa de composição denominada “4 Estações”, pude revisitar memórias e padrões de movimento, os quais me ajudaram a compor as cenas. Nesta dinâmica proposta em aula, cada “estação” imaginada deveria representar um momento da minha vida. Portanto, utilizo uma parte desta escrita para dar voz à história que me trouxe até aqui, a minha história e de minha família.

Meu nome é Bárbara Santos de Oliveira, filha de Gilmar Peres Santos de Oliveira e Nilton Cesar Souza de Oliveira. Carrego em meu corpo e identidade os sobrenomes das famílias que me constituem e que vieram de Tapes e Lavras do Sul para o município de Sapucaia do Sul, cidade onde nasci e resido desde então. Fruto de uma família miscigenada tanto pelo lado materno quanto pelo lado paterno, vim ao mundo no dia 9 de março de 1998 - dia do aniversário de minha mãe. Ela diz que eu vim de presente para ela, mas, na verdade, ela quem me deu o maior presente de todos: a vida. Da união dos meus pais recebi o direito de ser e estar no mundo, entendendo pouco a pouco as condições sociais que me cercavam.

Devido ao falecimento de meus avós paternos antes do meu nascimento, sempre tive um contato maior com minha família materna. Uma grande família, alicerçada por Tereza e Lidotino, principalmente por Tereza, mãe de doze filhas e filhos, sendo que destes doze, nove são mulheres. Mulheres de referência em minha vida, minha ancestralidade viva, mães de muitos filhos e filhas. Destas, minha mãe surge como a neta mais velha de Tereza, filha biológica de Sandra Maria Peres e filha de coração/criação de Nara Luiza Peres, duas irmãs que dividem o título de

¹ Disponível para apreciação no link: <<https://youtu.be/9x3u3vkt3ls>>, do minuto 6:00 a 15:50. Registro da Mostra “Em tempos de co-MOVER... Não Desperdice Seu Gesto”.

avós em minha vida. Elas criaram minha mãe Gilmara, mulher que ainda na juventude conheceu meu pai e juntos constituíram nossa família. Se este trabalho fala sobre composições e criação, é preciso falar também sobre aqueles que compõem uma vida, e eu sou uma composição desse casal. Um casal de militantes que de carroceiro e doceira, hoje são Guarda Municipal e Técnica de Enfermagem. Servidores públicos, pessoas que, através da educação, mudaram suas vidas e ofereceram todos os subsídios necessários para que eu e minha irmã Bianca pudéssemos ter boas condições de vida e realizarmos nossos sonhos, alcançando nossos objetivos.

Falando sobre sonhos, a dança como prática e ofício foi e é o maior sonho de minha vida. Surgiu em minha rotina no ano de 2002, quando eu ainda tinha três anos de idade, por uma indicação médica para correção dos meus pés, que andavam sempre nas pontas e precisavam de fortalecimento em seus arcos plantares. Assim, como uma planta que necessita ser cultivada e regada, a semente da dança foi introduzida no solo fértil do meu imaginário infantil. Na infância conheci a dança e na infância me apaixonei por esta arte que cresceu e floresceu, de uma necessidade dos meus pés à minha cabeça e pensamentos, norteando todas as minhas escolhas de vida, acadêmicas e profissionais.

Sempre estudei em escolas públicas, passei pela Escola Estadual Érico Veríssimo e também pela Escola Municipal Marechal Bittencourt. Comunicativa e expressiva, sempre era convidada para apresentações de dança em festas e datas comemorativas. Às vezes, dançava sozinha, e em outras, organizava grupos e montava coreografias para apresentações. Ao concluir o ensino fundamental, ingressei no curso Técnico Integrado em Gestão Cultural do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL - Câmpus Sapucaia do Sul), onde aprofundei estudos sobre arte e cultura, participei de grupos de teatro musical e tive a certeza de que queria prestar vestibular para o curso de Dança da UFRGS.

Desde pequena, ao me perguntarem: “o que você quer ser quando crescer?”, eu respondia: “prof. de balé”. Esse amor por dança e o desejo de me tornar professora me acompanharam durante toda a adolescência, onde dancei em diversas escolas do meu município, como: Escola de Ballet Linha do Corpo, Ballet Adriana Sperb, Ballet Keli Gonçalves e Ballet Taila Machado. Tive aulas de Balé, Jazz, Hip Hop e Danças Urbanas. Além de dançar, atuei como monitora de turmas, até concluir o curso básico de Ballet e adentrar o campo do ensino em escolas de

educação infantil. Em paralelo ao trabalho com infâncias nas escolas, eu também atuei como professora das turmas juvenis do Ballet Taila Machado. Até que, em 2021, criei meu próprio Estúdio de Danças: o Estúdio de Danças Bárbara Oliveira.

Quando ingressei na Universidade, apesar de já estar atuando no campo da dança, um novo mundo me foi apresentado, onde experienciei diversas práticas de dança às quais eu não conhecia: das Danças Populares ao Contemporâneo, composições coreográficas surgiram nas disciplinas práticas do curso, bem como nos projetos de extensão que participei. As coreografias montadas na escola ou dançadas nos espetáculos de fim de ano que participei se tornaram um grande campo de estudo da graduação e se perpetuaram como uma prática constante: criar e participar de processos de criação, criação em dança, a partir das mais diversas propostas e conduções. Disso, vem o entendimento de que dança e coreografia são muito mais do que séries de movimentos ordenados. Coreografias e composições são atos poéticos e políticos que revelam aspectos de nossa identidade. Por falar em identidade, é importante destacar nesta introdução um fato importante sobre quem sou: sou uma mulher negra e, dentro dessa condição, um dos recortes desta pesquisa se referem à minha experiência dentro do projeto de extensão Coletivo Corpo Negra. Grupo onde para além da prática de movimentos, me encontrei também socialmente, identificando minha condição de mulher negra e artista e a importância da transposição de signos e poéticas dessa existência para o palco, em forma de coreografia.

Neste contexto, escrever esta pesquisa em primeira pessoa é uma escolha metodológica, justificada pelo conceito de Escrivência, criado em 1994, por Conceição Evaristo, durante a concepção de sua pesquisa de mestrado. Evaristo é uma escritora e pesquisadora mineira de referência, mulher negra que fala sobre as subjetividades das mulheres negras e sobre protagonismo delas ao se assumirem como donas de suas escritas, protagonistas de suas histórias. Na vida e na dança, historicamente invisibilizadas e vítimas de um racismo estrutural e histórico que afetam diretamente a autoestima e a confiança das mesmas. Para Conceição, escrever sobre si é escrever sobre coletividade.

Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às

mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (EVARISTO apud DUARTE; NUNES, 2020, p.12).

No estilo de um ensaio/relato de experiência, o objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é instigar as pessoas a pensarem comigo sobre o ato de compor. Não só na dança, mas sobre o que compõem nossas vidas também: o que nos move? O que pode inspirar o nosso cotidiano, das técnicas de criação? E o que o nosso cotidiano pode nos inspirar para criar nossas coreografias? A composição coreográfica sempre esteve presente em minha vida: composição de aulas, composição de sequências de movimentos e composição de coreografias como exercício prático para aulas, assim como para apresentações em espetáculos e festivais. A atuação como professora, segue sempre em paralelo a minha atividade formativa como bailarina, que, ao longo da vida, experimentou muitos tipos, muitas técnicas e estilos de dança.

Técnicas de dança resultam de processos em que se acumulam tradições e inovações, necessidades e intenções formativas, concepções filosóficas e estéticas de coreógrafos, professores e bailarinos, influenciados por um contexto histórico e social, mas também por um contexto poético, por um contexto de criação de obras coreográficas (DANTAS, 1999, p. 44).

É nesse trânsito entre aprender e ensinar danças, compor coreografias e gestar escola que me constituo no campo de trabalho da dança, o que torna legítima cada parte desta pesquisa. Nesse sentido, este trabalho se organiza em três capítulos: a introdução, que vocês leem agora, dá um panorama da estrutura do texto e dos assuntos que serão abordados. O capítulo 2 traz narrativas dos processos de criação, que pude acompanhar a partir da minha participação no Projeto de Extensão Coletivo Corpo Negra. No capítulo 3, convido o leitor a mergulhar num processo de criação solo. E, nas considerações finais, saliento aspectos da composição coreográfica que colaboraram para a minha formação como artista, professora e pesquisadora.

2 PARTICIPAÇÃO NO COLETIVO CORPO NEGRA

Este capítulo será uma narrativa sobre minha participação no Coletivo Corpo Negra. Ao falar sobre processos coreográficos que participei ao longo do curso, faço um recorte para minha experiência no Coletivo. O grupo surgiu logo em meu primeiro ano de graduação, 2016, a partir da iniciativa de uma ex-aluna do curso de Dança, chamada Gessica Rosa. Ao perceber o aumento do número de mulheres negras no curso, Gessica articulou uma movimentação entre nós com a ideia da produção de uma performance, o intuito era marcar a presença dos nossos corpos dentro da graduação, uma vez que os corpos brancos e os referenciais eurocêntricos se sobressaiam no currículo do curso e no cenário da Universidade.

A criação em dança, que estava presente como prática e metodologia de aprendizado das disciplinas, logo se tornou um desafio extra-curricular também, uma vez que decidimos construir uma composição coreográfica, a partir do convite e do ímpeto da Gessica. A performance seria uma ação pontual, no entanto, a força ancestral daquele encontro, ancorou um grupo que em 2023 completará sete anos de história.

O Coletivo Corpo Negra comemora seu aniversário no dia 10 de junho, pois neste dia, em 2016, subimos ao palco pela primeira vez. Em meio a dificuldades para organização de encontros com todas as integrantes presentes, lembro-me que a questão da conciliação de horários sempre foi um problema para nós, mulheres que trabalham, estudam e moram longe. Mas a vontade de estarmos juntas e produzirmos juntas, nos uniu, e por meio das redes sociais, como grupos no Facebook e no Whatsapp, organizamos alguns ensaios e escolhemos marcar nossa presença com uma apresentação no evento *Mix Dance*, Mostra de Dança do curso de Licenciatura em Dança da UFRGS. Neste dia, o Coletivo ainda não era um Coletivo, éramos um grupo de mulheres que se autodenominavam “Pretas da Dança” e que, para além de colegas de curso, se tornaram um coletivo artístico.

A apresentação no *Mix Dance* ocorreu em 2016, um ano de relevância política no âmbito nacional, ano em que o vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência do Brasil, após um golpe que resultou no impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff. O governo Temer atacou diretamente a educação e a cultura brasileira, com a extinção do Ministério da Cultura, e projetos de desmonte da educação pública, com congelamento de investimento, por meio da PEC 241 e

outros projeto como "Escola sem Partido", o PL 44 e a reforma do Ensino Médio. Essas e outras ações arbitrárias do governo geraram um movimento estudantil de ocupação em escolas e universidades.

A UFRGS também foi ocupada. Neste período, recebemos convite para apresentar nossa coreografia na ocupação do Instituto de Artes (IA), em um encontro em que para além de dança também tivemos roda de conversa e muitas trocas com os estudantes da ocupação, que incentivaram a continuidade do grupo e nos fizeram perceber ainda mais a nossa relevância política como grupo por meio da arte. Assim, nos unimos e seguimos nos encontrando e produzindo de forma esporádica, até que em 2017 percebemos, então, que o nome "Pretas da Dança" não nos contemplava mais, e decidimos formalizar nosso grupo como um coletivo, nomeado em comum acordo como: "Corpo Negra". Assim, com "a" no final, marcando nosso gênero e nossa raça, corpos "negras" femininos e em movimento. Um coletivo de mulheres composto por corpos distintos, com diferentes histórias e trajetórias, mas marcado pela interseccionalidade de sermos mulheres negras e artistas.

De forma independente, passamos a olhar nosso grupo de mulheres como um espaço de acolhimento e construção. Assim, trilhamos uma trajetória de afirmação, fortalecimento, trocas e produção. Até que, no ano de 2018, recebemos o convite da docente Lisete Arnizaut de Vargas, para tornarmos nosso Coletivo em um projeto de extensão amparado pela UFRGS, sob sua coordenação. Desde então, ampliamos ainda mais nossas ações, com a missão de alcançarmos a comunidade externa. Como projeto de extensão, cunhamos coletivamente o seguinte resumo sobre nosso grupo e ações, publicado no Caderno de Resumos, do Salão de Extensão da UFRGS, em 2020:

O Coletivo Corpo Negra é um grupo de extensão composto por mulheres negras do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS. Tem como objetivo promover espaços para discussão, reflexão, análise e criação artística a partir das questões que envolvem o universo feminino, mais especificamente da mulher negra. Assuntos como pertencimento racial e social, ocupação de espaços públicos e referências negras na Dança fazem parte dos encontros e reuniões semanais do Coletivo, assim como apresentações e oficinas artísticas mensais dentro e fora do ambiente acadêmico, relacionando estes temas com o universo político-artístico da dança e da história e cultura afro diaspórica. O coletivo surge também como alternativa e contraponto à falta de visibilidade do corpo da mulher negra e artista, trazendo à tona questões sobre protagonismo e tantas outras diversas pautas que envolvem a comunidade negra (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2020).

Dessa forma, nos organizamos em grupos, com encontros semanais e quinzenais, estabelecendo pautas, estudos teóricos, estudos práticos, experimentações de movimentos, aulas, conversas e composições coreográficas. Juntas, compomos as obras “Baile Black” (2016)², “A Revolta Vem à Tona” (2017)³, “Deus é Mulher” (2018)⁴, “Deusa das Águas” (2019)⁵ e “Legado: Reconstrução Ancestral” (2020)⁶. Obras que tramadas contam a história de evolução do nosso grupo. Obras que foram ao palco e representam as diferentes fases do nosso coletivo, com diferentes mensagens e que aqui serão relatadas, como uma de minhas experiências mais marcantes relacionadas a participação em processos de composição coreográfica dentro do curso de Dança da UFRGS.

Os processos coreográficos do grupo também são transpostos em oficinas de dança abertas à comunidade, dentro do projeto “Coletivo Corpo Negra em Movimento”, que se divide em “Movimento Nas Escolas”, “Movimento na UFRGS” e “Movimento em Casa”. Neste projeto, planejamos oficinas de dança para crianças e jovens que são levadas para escolas públicas da Região Metropolitana de Porto Alegre, bem como oficinas para o público adulto em câmpus da Universidade e durante a pandemia, por lives, inspirando movimento, discussões e a prática de dança nas casas. Os processos de composição do grupo se dão após trocas de aulas de dança entre as integrantes que possuem bagagens distintas e que sintetizadas resultam nas coreografias do grupo. Essas experimentações em dança se fazem presentes nas oficinas planejadas pelo coletivo, bem como há a transposição de células coreográficas do palco para as salas de aula. A partir da experimentação dos movimentos criados pelo grupo, a vivência em dança das integrantes é também a vivência passada àqueles que participam das oficinas do coletivo. Assim sendo, nossas coreografias se desdobram em planejamentos de aulas, unindo a experiência discente com o fazer docente.

Desde 2020, não criamos novas obras coreográficas, devido a um hiato instaurado pela pandemia por Covid-19. No entanto, em 2022/1 ampliamos as vagas

² Coreografia “Baile Black” disponível para apreciação no link: <encurtador.com.br/iIX03>.

³ Não temos registros de vídeo da coreografia “A Revolta Vem à Tona” disponível para apreciação.

⁴ Coreografia “Deus É Mulher” disponível para apreciação no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=yTSfJJ5Tx4U>>.

⁵ Coreografia “Deusa das Águas” disponível para apreciação no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=APQJ0JnRqSs>>.

⁶ Coreografia “Legado: Reconstrução Ancestral” disponível para apreciação no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=2awwMfIAfUU>>.

para integrantes do Coletivo, que agora também é composto por mulheres negras dos cursos de Educação Física e Fisioterapia. Ao pautarmos as demandas desse novo grupo que se configura, identificamos novas criações em dança como um desejo do coletivo, e por isso revisitamos as obras coreográficas de nosso grupo, a fim de iniciar novos processos de criação, embasados nos anteriores. Essa visita às obras do Coletivo Corpo Negra se faz aqui neste trabalho também. Vejamos a seguir algumas memórias das coreografias e criações do grupo até então.

2.1 Sobre “Baile Black”

“Baile Black” foi a primeira composição coreográfica do grupo. Obra que apresentamos no *Mix Dance*, no dia 10 de junho de 2016. O intuito desta performance, a primeira do grupo, era enegrecer o palco da Mostra de Dança do nosso curso, com referências negras presentes em nossa infância e juventude, mas não presentes em nosso currículo. Ao unirmos onze mulheres negras do curso de dança, muitas ideias e propostas surgiram, mas naquele primeiro momento o que mais nos fazia sentido, de forma comum, era trazer para a cena, através do corpo, músicas que representavam memórias afetivas sobre nossa identidade. Músicas que marcaram os anos 70, 90 e 2000.

Muitas de nós, desde a infância, assistiam videocliques em fitas e na televisão, admirando artistas norte-americanos negros e negras que cantavam e dançavam coreografias que serviam de inspiração para nós, nossa dança e nossas vidas. No contexto do Brasil, onde historicamente há pouca representatividade negra na televisão, meios de comunicação e espaços de poder, os clipes e filmes norte-americanos se tornaram grandes referências em música, dança e *cultura black*. Adrielle Paulino da Silva, em sua dissertação de mestrado, fala sobre este fenômeno:

Outra importante influência das Danças Urbanas foi a criação do canal MTV, em 1981, e o começo da era de videocliques. Artistas renomados como Michael Jackson, Janet Jackson, Madonna tornaram este gênero de dança mundialmente conhecido através de seus videocliques, abrindo precedentes para diversos dançarinos da Cultura Hip Hop. No decorrer dos anos, outros filmes sobre este assunto foram lançados, fomentando o mercado das Danças Urbanas (SILVA, p. 62).

Para esta dança, editamos um pout-pourri com músicas de Jackson 5, MC Hammer, Sir Mix-A-Lot, Sugarhill Gang, Mary J. Blige e Destiny 's Child. As movimentações foram inspiradas nos clipes. Em duplas e trios, integrantes montaram as sequências coreográficas e repassaram umas às outras em encontros presenciais e também por vídeo. Os figurinos da apresentação representavam vestimentas de festa, festas negras, também conhecidas como “bailes blacks”, os bailes negros.

Thayse Ramão, egressa do curso de Dança e ex-integrante do Coletivo, desenvolveu uma pesquisa sobre estes bailes no Brasil, aqui conhecidos como

“Baile Charme”, frequentados por pessoas negras, ao som de *Black Music*, como Soul, R&B e Hip Hop. Ramão (2019) explica o contexto político e social desta festa, retratada em nossa coreografia:

Voltando à história do baile, ele se tornou um espaço de resistência, pois a maioria dos seus frequentadores são negros e periféricos. Um aglomerado de pessoas negras facilmente poderia ser considerado uma revolta contra as autoridades e não é algo com o que eles concordavam, então mais do que nunca se tornou um lugar de fortalecimento, sociabilidade, reafirmação da identidade e lazer, com forte presença de uma ideia de estilo social, envolvendo o evento como um todo (RAMÃO, 2019, p. 14).

Estes bailes foram a base de inspiração da coreografia “Baile Black” demarcando, para além da dança, o objetivo social da reunião dessas mulheres negras no palco do Salão de Atos. Palco que se tornou local de festa, alegria e celebração da nossa cultura.

Figura 1: Foto de André Olmos (2016).



Fonte: Acervo do grupo.⁷

⁷ Na imagem, retrato de um momento da coreografia “Baile Black”. São onze mulheres negras de costas na mesma posição: em pé, pernas entre-abertas, braços para baixo, mãos nas laterais do corpo em um movimento de pronação, e sugestão de movimento nos quadris. Elas estão em um palco com iluminação na cor roxa e fumaça, vestem roupas de diferentes estilos e cores, posicionadas e espalhadas pelo espaço na formação de um “V”. Seus rostos não aparecem.

Figura 2: Foto de Anderson Portella (2016).



Fonte: Acervo do grupo.⁸

Figura 3: Foto de André Olmos (2016).



Fonte: Acervo do grupo.⁹

⁸ Segundo retrato da coreografia “Baile Black”. Cinco mulheres negras em uma diagonal. Estão dançando de costas, com o corpo direcionado para a direita. Braços elevados acima da cabeça, pernas direitas elevadas também, sorridentes.

⁹ Terceira imagem da coreografia “Baile Black”. As onze mulheres negras aparecem novamente juntas no palco, posicionadas em uma linha reta, com as mãos na cintura, de frente para o público e com os joelhos levemente flexionados. A imagem apresenta luz contra roxa refletida em fumaça de palco.

2.2 Sobre “A revolta vem à tona”

No ano de 2017, subimos ao palco novamente, em mais um Mix Dance. Desta vez nossa coreografia não tinha o intuito de celebrar, mas sim, denunciar o machismo estrutural que atinge todas as mulheres, principalmente as negras. Neste ano, havíamos ampliado as discussões dentro de nosso Coletivo. Inicialmente, o objetivo da coreografia era retratar nosso posicionamento contra as violências físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais e morais que atingem os nossos corpos e de tantas outras mulheres. O Baile Black deu lugar à revolta, em uma composição que nomeamos como: “A Revolta Vem à Tona”.

Nossa movimentação seguia embasada das Danças Urbanas e a música escolhida para ditar esses movimentos e expressar a nossa mensagem verbalmente foi a letra de Mc Carol e Karol Conká, intitulada: “100% feminista”. Nesta obra, oito mulheres subiram ao palco com figurinos que possuíam a cor vermelha como base, uma cor que representa um alerta, uma urgência, uma denúncia e uma relação que vai desde a simbologia do batom vermelho até o sangue derramado. O sorriso estampado no rosto das integrantes na coreografia “Baile Black” não está presente nesta coreografia, agora as expressões faciais das integrantes são sérias e rígidas, e os movimentos da dança expressam uma certa agressividade, alternando entre a representação de ataque e defesa.

Figura 4: Registro Mix Dance (2017).



Fonte: Acervo do grupo.¹⁰

¹⁰ Foto do Coletivo Corpo Negra reunido no palco durante a apresentação. As oito mulheres estão reunidas em um aglomerado, com os joelhos flexionados, direcionadas para a esquerda. Seus punhos estão fechados e os braços protegem suas cabeças. Vestem jeans e peças vermelhas.

No entanto, devido à poética da composição e pelo título da música dançada, o grupo não reproduz mais essa obra, pois já não compactua com a ideia de um feminismo como bandeira representativa do Coletivo. O entendimento do grupo após estudar o contexto histórico do movimento feminista é de que este é um movimento excludente com relação às subjetividades dos corpos e das pautas negras, invisibilizando questões relativas às masculinidades negras e dos corpos LGBTQIA+.

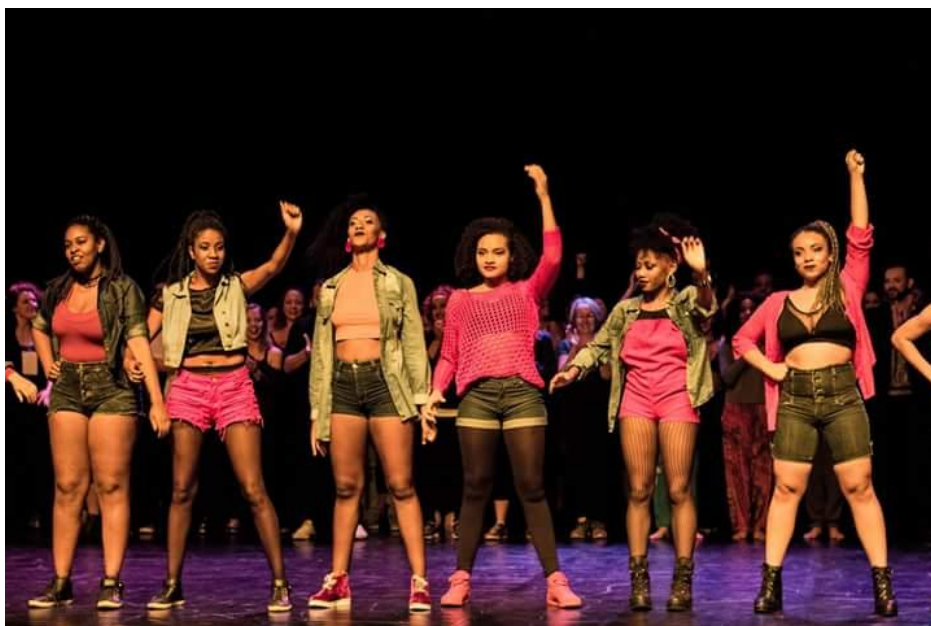
Figura 5: Registro Mix Dance (2017).



Fonte: Acervo do grupo.¹¹

¹¹ Foto do Coletivo Corpo Negra reunido no palco durante a apresentação. Na imagem o foco está em quatro bailarinas negras com expressões faciais sérias, organizadas em uma fila, onde intercaladas se direcionam para as laterais. Os braços das duas meninas à frente estão unidos e cruzados e os braços das outras duas estão flexionados e para o alto, com as palmas das mãos para cima. Vestem jeans e peças vermelhas.

Figura 6: Registro Mix Dance (2017).



Fonte: Acervo do grupo.¹²

¹² Foto do Coletivo Corpo Negra reunido no palco durante apresentação. Na imagem o foco está em seis bailarinas do grupo, organizadas em uma linha, com os punhos esquerdos cerrados e direcionados para cima, reproduzindo um dos símbolos da luta antirracista.

2.3 Sobre “Deus é Mulher”

Figura 7: Registro do Coletivo antes de uma das apresentações.



Fonte: Acervo do grupo.¹³

Terceira obra do grupo, é também nossa primeira obra como projeto de extensão. Primeira obra do Coletivo com ensaios regulares, buscando nos desafiar como grupo, para além das Danças Urbanas, diversificando nossa movimentação. “Deus é Mulher” surge a partir do ímpeto de demarcarmos em cena as subjetividades e pluralidades de nossos corpos, corpos de mulheres com diferentes experiências em dança, que vão desde o clássico ao urbano. Buscamos reunir os diferentes estilos de dança que representam as integrantes em uma única coreografia, evidenciando a pluralidade do grupo. Ballet, Danças de Salão, Danças Urbanas, Dança Contemporânea e a Dança Afro-brasileira integram o repertório de movimentos que tecem essa dança. Nosso ímpeto foi também homenagear uma grande cantora e referência de mulher e artista brasileira: Elza Soares.

A composição dessa dança foi coletiva. Dividimos a música por blocos e em cada bloco encaixamos uma modalidade/técnica diferente de dança. Uma integrante

¹³ Foto do Coletivo Corpo Negra reunido em um camarim. Onze mulheres reunidas posam para a foto, quatro delas ajoelhadas em uma e as outras sete em pé abraçadas. As meninas estão sorridentes e caracterizadas para uma apresentação de “Deus É Mulher”. vestem tons de marrom e turbantes nas cabeças.

ensinando à outra. No primeiro bloco, mais lento e instrumental, duplas surgem em cena, dançando movimentos provenientes do Ballet Clássico, que se quebram na incorporação de movimentos do quadril, misturando Balé e Samba. No segundo bloco, percussivo, o foco se centra em uma dupla de mulheres que fogem da lógica da “dama e do cavalheiro” nas Danças de Salão, sambando juntas ao longo do palco. No terceiro bloco, eletrônico, é a vez do foco em movimentos das Danças Urbanas, com uma movimentação contida que chama ao palco o restante do grupo. Neste quarto bloco, onde o protagonismo se volta para a percussão novamente, surge uma diagonal de integrantes, adentrando o palco com movimentos característicos das danças Afro-brasileiras e Afro-gaúchas. A experiência com dança afro, surge em nossa com referência em Natália Dornelles e Luísa Dias Rosa de Oliveira, após mobilidade acadêmica à Bahia e também por meio de nossa aproximação, estudos e aulas práticas com Mestra Iara, do grupo Afro-sul Odomodê.

Por fim, a dança se encerra com a entrada de alguns cartazes ao palco como elementos cênicos, nestes cartazes estão expressas indagações e informações estatísticas sobre os corpos negros e o acesso à educação, direito à vida e reconhecimento das negras e negros na dança. Os figurinos escolhidos são justos ao corpo em diferentes tons de marrom, uma alusão aos diferentes tons de pele das integrantes. Nossos pés, que até então dançavam de tênis ou botinas, agora dançam descalços e nossas cabeças estão envoltas por turbantes, herança cultural africana e signo representativo de beleza, ancestralidade e resistência. Ao analisar “Deus é Mulher”, Ana Paula Silva dos Reis diz:

Os diversos tons de pele negra, formas corporais, texturas de cabelos e idades somadas a pluralidade de vivências e experiências desse coletivo de mulheres negras evidenciavam as diversas representações expressas nas suas próprias características físicas, nas várias linguagens de dança interpretadas por elas, na referência artística escolhida para conduzir o trabalho e nos questionamentos ao público que faziam pensar justamente na ausência desses corpos nos setores da arte, educação e cultura (REIS, 2019, p. 165).

Esta obra foi apresentada em inúmeros eventos e mostras, fazendo com que o Coletivo recebesse notoriedade. Assim, no ano de 2019, “*pela qualidade artística ao trazer para a cena contemporânea as questões étnicas e de gênero com protagonismo feminino*”, o Coletivo Corpo Negra recebeu indicação de Destaque em

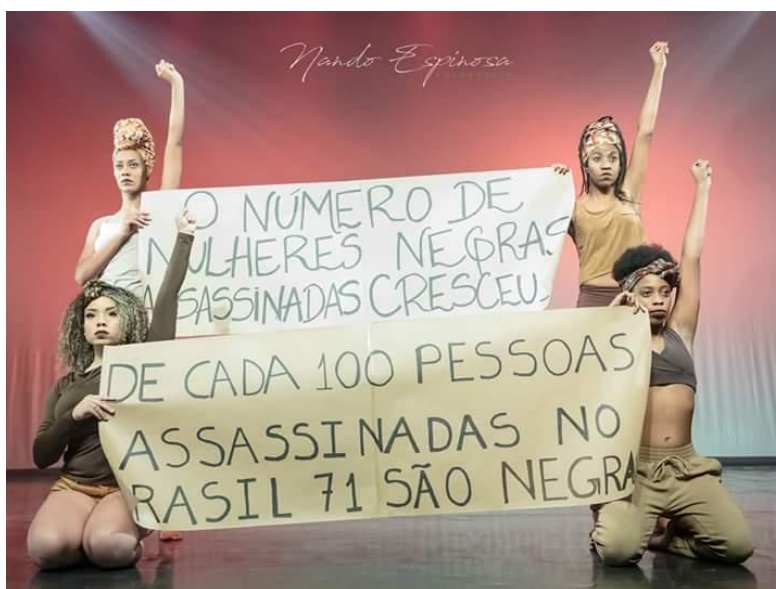
Dança Contemporânea, no prêmio Açorianos de Dança, referente à temporada 2018 da cena de Porto Alegre.

Figura 8: Registro de uma apresentação.



Fonte: Acervo do grupo.¹⁴

Figura 9: Registro de uma apresentação, foto de Nando Espinosa.



Fonte: Acervo do grupo.¹⁵

¹⁴ Foto do Coletivo Corpo Negra reunido no palco durante apresentação. Imagem preto e branco, registra sete mulheres na cena, em pé, com as pernas cruzadas, joelhos levemente flexionados, cabeça erguida e braços direcionados para o alto, para o céu.

¹⁵ Foto do Coletivo Corpo Negra no palco, as integrantes seguram cartazes com suas mãos direitas e seus punhos esquerdos estão cerrados e direcionados para cima. Duas integrantes ajoelhadas seguram o cartaz que diz: “De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras”. As duas

Figura 10: Registro de uma apresentação, foto de Nando Espinosa.



Fonte: Acervo do grupo.¹⁶

integrantes em pé, seguram um cartaz que diz: “O número de mulheres assassinadas cresceu”. Uma dessas integrantes na imagem, sou eu, a autora deste texto.

¹⁶ Na quinta imagem as integrantes estão no palco posicionadas em um círculo, direcionadas para o meio da roda. Estão ajoelhadas, cabeça erguida e braços direcionados para o alto, para o céu. Na imagem se destaca iluminação de palco na cor roxa.

2.4 Sobre “Deusa das Águas”

Em 2019, o Coletivo Corpo Negra leva ao palco a coreografia “Deusa das Águas”, uma obra que busca resgatar e honrar a afetividade e a vida das nossas mães, avós e mulheres de nossas famílias. As mulheres que constituem quem somos e que nos criaram e guiaram até aqui. Honramos essas mulheres em uma coreografia composta ao som de “Ponto de Nanã”, de Mariene de Castro, referência à mais velha das orixás africanas, entidade que representa a sabedoria.

Ana Paula da Silva Reis (2019) em sua dissertação de mestrado nomeada “Modos de representação e representatividade negra desde experiências cênicas porto-alegrenses”, entrevista algumas integrantes do coletivo Corpo Negra que destacam a coreografia “Deusa das Águas” como a mais importante coreografia do grupo. Natália Dornelles, em uma citação da dissertação, exemplifica as diferenças entre “Deus é Mulher” e a coreografia “Deusa das Águas”:

O Deus é Mulher parte das nossas histórias, das nossas corporeidades, o que os nossos corpos têm a contar. E ela tem uma questão política, uma reivindicação muito forte que a gente traz a questão dos cartazes. Eu acho que ali é tipo assim: “queridos, agora vocês vão entender porque que a gente vem, a que a gente vem, qual é o nosso propósito aqui”, agora vocês vão entender. E a partir dali [...] por isso que eu digo que é para dentro, porque o Deus das Águas ele sai muito de dentro, ele parece que sai mais de dentro ainda do que o Deus é Mulher, porque daí não é só a gente, a gente vai atrás, a gente traz essa ancestralidade, a gente vai mais profundamente ainda nas nossas histórias (DORNELLES, *apud* REIS, 2021, p. 48).

É também a primeira coreografia do grupo que não dancei, apesar de acompanhar todo o seu processo de criação. A coreografia foi lançada em 2019 e exigiu uma série de ensaios que não couberam em minha rotina. Minha relação com esta dança é a de uma espectadora, que se surpreendeu com a potência da coreografia e as diferenças de movimentação apresentadas se relacionadas com as demais obras criadas pelo grupo. Também há uma mudança no processo poético. Em todas as nossas outras produções é possível identificar a urgência de comunicar algo, a urgência de atingir alguma pauta e externar uma indignação, um questionamento, uma afronta. Mas, em “Deusa das Águas”, eu só consigo identificar o afeto, a beleza e a sintonia das integrantes do coletivo, em uma composição que acalenta o coração. Toda a movimentação da coreografia é proveniente de uma pesquisa e vivência sobre a metodologia de dança afro-gaúcha de Mestre Iara. Os

figurinos são blusas com alça em cor nude na parte de cima, com variações de roxo e lilás. Também foram confeccionadas saias com tecidos leves em tons de roxo e lilás. Saias que acompanham a movimentação dos corpos, indo e voltando a cada mexer do quadril e andar das pernas. Os cabelos estão soltos nessa dança e os pés descalços.

Foi a primeira vez que o Coletivo levou ao palco explicitamente um referência à religiosidade africana representada por uma orixá. A vejo como uma coreografia de conexão entre as intérpretes e delas com suas raízes ancestrais, de espiritualidade e coletividade, em uma composição que eu gostaria muito de ter vivenciado no palco. No entanto, antes que eu pudesse ter a oportunidade de interpretar essa obra, fomos atingidos pela pandemia ocasionada pelo vírus conhecido como Covid-19.

Figura 11: Registro de uma apresentação, foto de Nando Espinosa.



Fonte: Acervo do grupo¹⁷.

¹⁷ Foto do Coletivo Corpo Negra no palco, apresentando “Deusa das Águas”, as integrantes estão posicionadas em círculo, viradas para o centro da roda, elas se encaram e se tocam, interagindo entre si. Todas vestem blusas com alça em cor nude ou lilás e roxo com saias lilás e roxas também. Seus cabelos estão soltos, alguns com tranças e outros soltos ao natural, evidenciando seus cachos e crespos. Estão de joelhos, com as mãos para o alto.

Figura 12: Registro de uma apresentação, foto de Gabriehl Oliveira.



Fonte: Acervo do grupo¹⁸.

Figura 13: Registro de apresentação, foto de Gabriehl Oliveira.



Fonte: Acervo do grupo¹⁹.

¹⁸ Foto do Coletivo Corpo Negra no palco, apresentando “Deusa das Águas”, as integrantes estão posicionadas em círculo, viradas para o centro da roda, elas se encaram e se tocam, interagindo entre si. Todas vestem blusas com alça em cor nude ou lilás e roxo com saias lilás e roxas também. Seus cabelos estão soltos, alguns com tranças e outros soltos ao natural, evidenciando seus cachos e crespos.

¹⁹ Foto do Coletivo Corpo Negra no palco, apresentando “Deusa das Águas”, na imagem as integrantes estão reunidas em um bloco, todas direcionadas para o lado direito do palco, em um

2.5 Sobre a pandemia, a pausa e o Legado

Em 2019, o Brasil e o mundo sofreram com a pandemia da doença infecciosa conhecida por Covid-19, causada pela proliferação agressiva do vírus SARS-CoV-2, que gerou milhares de mortes. A pandemia alterou a configuração mundial, exigindo períodos de lockdown, uso obrigatório de máscaras e álcool gel, racionamento de alimentos e a sugestão de um longo período de isolamento social para contenção do número de casos da doença e conseqüentemente, o número de mortes também. As pessoas, que puderam, ficaram trancadas em suas casas. Comércio, espaços públicos e privados, escolas e até mesmo a Universidade tiveram que suspender suas atividades ao longo dos anos de 2020, 2021 e também 2022. Nesse período, as atividades do curso de Dança e do Coletivo passaram a ocorrer de forma remota. A prática da dança e as composições do palco, se tornaram composições para a tela. A última composição coreográfica do Coletivo se chama “Legado: Reconstrução Ancestral”, obra criada pelo campo virtual em novembro de 2020, em uma forma de vídeo-dança, onde trechos coreográficos individuais foram enviados para uma edição conjunta. Desde então, o Coletivo entrou em um momento de pausa no que tange composições coreográficas, focando em um processo interno de acolhida, conversas e fortalecimento psicológico das integrantes em meio à pandemia.

“Legado” surge em um momento de fragilidade mundial, onde muitas incertezas e inseguranças cercam todos e todas. Momento de medo, angústia e tristeza, em que a arte serviu como suporte para seguirmos, termos força, continuarmos sonhando, acreditarmos e nos sentirmos vivas. “*O que o seu eu de agora diria para o seu do passado?*”, é dessa indagação que nasce “Legado”, e as respostas apresentadas em palavras e movimentos no vídeo são como um recado e incentivo para seguir, enfrentando suas fragilidades.

Em “Legado”, somente sete integrantes se sentiram bem para produzir e participar da obra, eu não consegui. A pandemia me atingiu de uma forma intensa, onde a prática da dança não estava mais tão presente em minha rotina, a autoestima estava baixa, o corpo não estava ativo e o psicológico estava abalado. Do início da pandemia até o ano de 2022 eu não subi mais ao palco e tive grandes dificuldades para compor danças e integrar processos criativos. Me direcionei para

registro de deslocamento do grupo em diagonal. Suas saias sugerem movimento, os pés estão direcionados para a frente e os braços para baixo também sugerindo movimento.

outros campos profissionais como a gestão de um Estúdio. O processo não foi fácil e durante a pandemia perdi entes queridos, adoeci psicologicamente e acabei sendo diagnosticada com Transtorno Afetivo Bipolar, desenvolvendo surtos psicóticos, ansiedade e depressão. Para contenção da doença precisei iniciar um tratamento psiquiátrico medicamentoso que afetou meu corpo físico: engordei, enfrentei intensa sonolência, adquiri dores físicas, enferrujei-me e me afastei da prática de dança por não estar mais me sentindo bem com meu próprio corpo e mente.

A prática da dança foi (re)inserida em minha rotina de forma gradual, e algo que me ajudou neste período foi integrar a turma de “TÓPICOS EM DANÇA II”, conduzida por Luciana Paludo, com foco em percepção e preparação corporal: relações com improvisação e composição. Foi uma disciplina com previsão de 40h de carga horária prática, 4 créditos, onde fomos desafiados a dedicar um turno de nossa semana para a prática de dança em casa, em um processo particular de reconexão corporal para mim. Ao fim do semestre, realizamos alguns encontros híbridos, onde a presencialidade e o retorno à Universidade inspiraram a criação e a retomada da prática como rotina.

A disciplina nomeada Tópicos em Dança II, ofertada no segundo semestre de 2021, no curso de Licenciatura em Dança da UFRGS, segundo seu plano de ensino, tinha por objetivo principal: “experimentar movimentos que desenvolvam a percepção corporal, a mobilidade articular e observar relações desses com a improvisação, a composição e direção de movimentos”. Durante o semestre, realizamos estudos teóricos e práticos acerca do movimento humano como foco de pesquisa em dança. Exploramos movimentos e sequências propostas pela professora Luciana Paludo e fomos motivados a criar e brincar com nossos próprios movimentos e sequências ao longo desse processo. Dentre as atividades, a criação e desenvolvimento de um “exercício de bolso” surgiu como uma das propostas avaliativas da disciplina.

Segundo a professora, a ideia surge como forma de “instigar as pessoas a criarem autonomia em seus corpos, suas danças e seus anseios de dança. Ele vem para colocar em funcionamento as perguntas: 1) *O que você quer construir com o seu corpo;* 2) *O que você faz para isso?*”. Após dois anos de pandemia, onde meu corpo dançou e se mexeu muito menos do que deveria, minha motivação ao entrar nessa cadeira foi devolver a mobilidade ao meu corpo - mobilidade vista como técnica, parte intrínseca à criação em dança. Como devolver a mobilidade ao meu

corpo se eu não estou praticando a dança? O que o meu corpo está pedindo para movimentar? Identifico então a necessidade de mobilização literal do meu eixo: minha coluna, através do desenvolvimento de um exercício de bolso denominado “ondas e a coluna”, figurando um mergulho que parte da cabeça, reverberando no tronco e no quadril/cauda, que direciona o corpo ao chão, retornando à superfície a partir da cabeça. O movimento se repete, se inverte, movimenta e mobiliza: cabeça, tronco, coluna, corpo. Descrição que de forma figurada se relaciona também com o próximo capítulo deste trabalho.

3 SOBRE “DANÇARELO”

Após a reflexão feita no capítulo anterior, convido vocês a conhecerem o meu processo... O processo de composição de “DançarElo”: um solo que encaro justamente como um mergulho, ou um vôo. Uma proposta que nos leva a pensar, imaginar, escrever; dançar! A mobilidade do meu corpo, que foi sendo restabelecida neste período pós-pandêmico, se relaciona diretamente com a disciplina de Tópicos II. Vejo a disciplina de Composição II como a continuidade dessa imersão prática que inspira a criação e a mobilização do corpo e dos pensamentos: poéticas, técnicas e filosofias do compor. Tudo isso faz parte do processo, para alimentar as ideias, a alma, o corpo.

“DançarElo” é, na verdade, o processo de composição coreográfica que inspira a escrita deste trabalho. Composta em uma disciplina que se localiza na etapa 5 do currículo do curso de dança, foi cursada por mim somente na reta final da graduação. Uma das razões para isso foi, principalmente, o medo. Sempre ouvi falar dos colegas no curso que a disciplina de Estudos em Composição Coreográfica I era sobre compor em grupo e a disciplina de Estudos em Composição Coreográfica II era sobre compor “solo”. Construir este “solo”, em minha perspectiva inicial, significava estar sozinha pela primeira vez, na criação e na apresentação de uma obra coreográfica no contexto universitário.

Para mim, que por sete anos de graduação dancei acompanhada e alicerçada por um coletivo, estar “só” nesse cenário me assustava. Mas, após o período de isolamento social da pandemia, certos medos precisavam ser vencidos. Nesta relação com a dança e no pensar sobre criação, passo a ver uma obra coreográfica não só como a sequência de movimentos executados, mas como o signo/representação de uma história. Escolher qual história eu queria contar com meu corpo nesta composição exigiu me aprofundar em filosofias sobre o ato de compor, e que nos foram muito bem apresentadas por Luciana Paludo. Dessas filosofias e estudos, surge um poema/registro, fruto das anotações e reflexões que emergiram durante as aulas da disciplina, que aqui organizei da seguinte forma:

*Compor, para mim, é construir e organizar
é entender onde se quer chegar através do mover-se.
Mover é curar.
Mas, o que move cada um de nós?*

*Assim como compor, confiança é uma construção.
Muitas vezes, pode ser um processo violento, mas a dor também nos movimenta.
No entanto, se compor é também renunciar, eu, neste momento,
renuncio dançar a minha dor.*

*Compor é sobre... Sobre ideias, desejos, necessidades e ímpeto.
Compor é a dimensão artesanal e arquitetônica, é corpo e trajetória, é movimento:
o movimento do corpo no tempo e no espaço.*

*Compor é manejar o tempo, e, nesse manejo, criar uma relação com quem vai
assistir sua composição é essencial.*

*Afinal, compor é um ato de cidadania: entender, comunicar, acolher, conversar,
reunir, relacionar, adaptar e cuidar...*

Mas, qual cuidado preciso ter ao compor e produzir?

Crio para o público ou crio para mim?

O que levar para a cena?

O que escolher para compor minha cena?

*A memória é a principal aliada da composição, memória é ancestralidade e, partindo
destas memórias, compor é selecionar e escolher.*

*Compor é negociar, é confiar, e desapegar...
compor é gestar!*

*Compor é um fingimento sincero, improvisar e jogar.
Compor é colaborar, criar e coreografar.*

*Compor é: sobre corpo, técnica, poética e estética.
O que vai se formando? Como se forma? O que forma e o que quero transmitir?*

*Ao compor é preciso ter um corpo atento e expandido,
permeável, mas não vulnerável.*

É preciso desenvolver um corpo-cênico.

Mas... O que eu escreveria sobre meu corpo-cênico?

*Ao compor não se pode desperdiçar.
É indicado seguir uma linha ecológica,
criar, acumular e aprofundar, variar e expandir...*

*Compor é dramaturgia,
variações e subjetividades.*

*Compor é viver e a vida é também uma acumulação.
Compor é metamorfose e o encontro de um sentido para sua dança.*

*Compor é dançar e dançar é um compromisso! Dançar é um trabalho.
Dançar é uma cerimônia e cerimônia é sobre memória, identidade e futuro.*

*Compor é escrever uma história..
a sua história, com o corpo!*

*Compor é construir também um rosto,
Afinal, eu já falei que compor é identidade?*

*Compor é a resposta para um anseio, é construir um corpo a partir de anseios.
Mas... O que eu quero construir, ou desconstruir, ou reconstruir, com o meu corpo?*

Dessas indagações/reflexões presentes no texto criado, surge “DançarElo”, coreografia que criei para contar a história da menina que conheceu a dança na infância, se aventurou por diferentes gêneros de danças, buscou sua ancestralidade através da dança, se perdeu em meio a um caos psicológico e mergulha na memória corporal para seguir... dançando.

“DançarElo” fala sobre um processo de cura através da dança, na busca pela identidade de um corpo que se perdeu, busca se encontrar e (re)afirmar-se novamente: como mulher, artista, negra, sobrevivente de uma pandemia. Pandemia que afetou a autoconfiança desse corpo e o afastou da prática de dança. No mesmo semestre de criação desse solo e após um certo distanciamento do Coletivo Corpo Negra, olho para minha trajetória e identifico que apesar de familiarizada com o Ballet desde a infância, a minha necessidade e desejo é o de me reconectar com danças negras.

Nisso, surge a oportunidade de cursar a disciplina Tópicos em Dança IV, com foco em Poéticas e Danças Afro diaspóricas, ministrada pelo primeiro professor negro do curso de Dança da UFRGS: Luciano Tavares. Segundo seu plano de ensino, o propósito da disciplina é partilhar um conteúdo essencialmente preto, os fazeres artísticos e intelectuais afro diaspóricos e afrocentrados. É também o semestre em que atuo pela terceira vez como monitora acadêmica da disciplina de Estudos em Composição Coreográfica I. A criação em dança surge nas três disciplinas e é inevitável não relacionar essa imersão em processos de criação com as vivências e observações do que é produzido pelo Coletivo Corpo Negra.

“DançarElo” é uma coreografia que, assim como em “Deus É Mulher”, se divide por blocos, blocos pensados a partir da atividade “4 estações”. Nessa proposta, fomos convidadas a pensar a dança e o processo de compor a partir de movimentações que se relacionassem com as seguintes “estações”:

Primeira estação - características de movimentos de quando éramos crianças; infância;

Segunda estação - transformações do corpo e do ser; adolescência;

Terceira estação - técnicas do corpo; vida adulta;

Quarta estação - o agora.

A partir desse procedimento de pensar nas fases de nossas vidas, aprofundamos o processo de compor, aproveitando o que foi produzido em diversos exercícios, às vezes impulsionadas por nossas memórias e questões subjetivas; outras vezes, por tarefas mais objetivas, relacionadas à ocupação de espaço e direção de movimentos. Foi uma turma que teve um entrosamento muito bonito, e, apesar de desenvolvermos e interpretarmos os exercícios individualmente, sempre haviam momentos de apreciação dos exercícios das colegas. Éramos uma turma composta por mulheres, em sua maioria, contando somente com um representante do gênero masculino em nosso grupo, por isso, um de nossos acordos era falar sobre nós no feminino. O feminino, que, assim como no coletivo, guiou nossos pensamentos, falas e o olhar afetivo com que apreciamos as colegas e de alguma forma buscamos comentar e contribuir com suas propostas corporais, dificuldades e potencialidades de ser e estar em movimento.

Na turma, conheci a história de muitas colegas que eu não tinha contato e fui acolhida com relação ao meu medo de estar só, muito também pela condução de Luciana. Uma condução sensível em um semestre ainda conturbado devido aos efeitos da pandemia por Covid-19. Entre máscaras, álcool e a retomada do contato e da presencialidade na graduação, os corpos e artistas, ainda sensíveis, devido às sequelas, dores e traumas da pandemia, encontraram na disciplina e no exercício de criação em dança, maneiras para externar seus sentimentos e trajetórias.

“DançarElo” surge neste contexto, é a primeira obra coreográfica que crio e danço após o período de isolamento social gerado pela pandemia. Um período onde meu corpo não esteve tão ativo quanto deveria e que aos poucos, com a prática da dança e o exercício da criação, foi se restabelecendo como um corpo de memórias, (re)aprendendo a ser cênico, poético e expressivo. Apesar de já atuar com composição coreográfica antes de ingressar na graduação, sempre criei para grupos de forma instintiva no Coletivo de forma colaborativa. A experiência de compor “DançarElo” nesta turma de composição, ao fim da graduação, me fez perceber o ato de compor a partir de um lugar diferente. A coreografia não foi uma encomenda e não possuía um tema específico como norte, a criação era livre, e compor uma

poética sobre mim foi uma escolha, um desejo. Mônica Dantas, professora do curso de Dança da UFRGS diz:

Poética é também a marca do artista, seu traço. É o seu diferencial gravado na obra, é o uso particular que ele faz das técnicas. É dos paradigmas, dos modelos trazidos por uma poética, que surge a possibilidade de criação de poéticas próprias (DANTAS, 1999, p. 43).

Nisso, me indago: nesta reta final da graduação, qual é minha marca como artista e professora? O que me motiva a dançar e a criar? Me apego à uma técnica/gênero, me apego ao movimento, me apego aos sentidos dos movimentos? O que uma coreografia é para mim? Nassur, em seu livro *Culinária Coreográfica* (2012), escreve:

A condição número 1, para se começar a coreografar, é você saber com quem vai lidar, não só em termos técnicos, mas também o tipo de temperamento dessas pessoas e suas ansiedades artísticas, ou seja, o estado de fome em que essas pessoas vão estar. Você precisa saber o que se pode oferecer a elas para saciar, pelo menos, por um tempo aquele desejo (NASSUR, 2012, p 35).

“DançarElo” surge do meu desejo de transformar em dança o momento particular ao qual estava passando, após a pandemia, ressignificando minhas experiências em dança e condensando em uma coreografia marcas de minha identidade. Uma identidade marcada por um período de afastamento da dança e pela luta para vencer dores psicológicas que afetaram meu corpo físico, uma vez que mente e corpo estão diretamente conectados e são indissociáveis, principalmente para quem dança.

Ao compor “DançarElo” eu estava fragilizada, tive dificuldades para cumprir os desafios propostos e me sentir segura para expor o que se formava e falar sobre o que cada movimento me remetia. Pude identificar que o processo foi sensível nesse sentido não só para mim, mas também para minhas colegas. De uma mesma orientação, surgiam movimentações completamente diferentes em suas características e qualidades, bem como em seus significados. Aqui, já não consigo mais dissociar movimento e signo, movimento e representação, movimento e significado, pois cada movimento de minha dança buscava de alguma forma revelar algo sobre mim e sobre minha história. A coreografia se inicia após a leitura de uma escrevivência, composta por mim, no ano de 2020, para uma série de postagens nas

redes do Coletivo Corpo Negra, sob o tema: o que é ser mulher negra e artista? Minha resposta, segue abaixo, sendo também a introdução de minha dança.

*Ser mulher preta e artista é uma construção
Especialmente pra mim
Ser mulher me construiu
Ser artista me desconstrói
Me ver como negra foi uma construção
E ser negra exige que eu me reconstrua... todos os dias!*

*A palavra construção é a primeira que surge na minha cabeça ao refletir sobre isso
Para muitos, construção se relaciona diretamente com trabalho
E, para mim, também.*

Sou cercada e inspirada por muitas mulheres pretas que possuem sua força de trabalho como uma característica própria. Principalmente minha mãe, que é a mulher mais trabalhadora que eu conheço e meu maior exemplo.

Cresci vendo minha mãe passar mais tempo no serviço do que em casa e demorei muito pra entender o porquê disso.

Minha mãe diz que faz isso por amor a mim e minha irmã, mas também sei que é por amor ao seu ofício.

Minha mãe é Técnica de Enfermagem, ela vive em função de cuidar dos outros e defender a vida. E, por mais que a carga excessiva de trabalho seja uma questão, sei que ela é feliz e privilegiada por ser uma mulher preta que pode trabalhar com o que ama.

Talvez por isso ela sempre me incentivou a fazer o que eu amasse! É por ela que eu descobri a Dança ainda na infância e recebi todo o apoio necessário para fazer disso o meu trabalho. Trabalho que amo e escolhi, tanto quanto minha mãe ama o seu e o escolheu. Ser mulher preta e poder escolher a arte ou o que ama como profissão é ir contra um sistema que nos limita e oprime. Ser uma mulher preta que faz o que ama é uma revolução.

Por isso, ser mulher preta e artista é tudo que sou e tudo que me constrói

*E a partir de quem sou, busco construir um mundo melhor, honrando sempre a
minha história*

A história de uma família preta matriarcal, composta por muitas mulheres que são exemplo para mim. Mulheres que se apoiaram na criação de seus filhos e batalham muito por todos eles. Tereza, Nara, Sandra, Laura, Marlene, Carmen, Lídia, Ester, Elisandra, Veridiana e Gilmara são só algumas das mulheres que alicerçam essa família e que constituíram quem sou.

Meu nome é Bárbara de Oliveira, Peres de sangue e coração, e sou a continuação dessa família composta por mulheres fortes, guerreiras e de luta.

Ser mulher, negra e artista é a condição que inspira a criação de “DançarElo”, apresentada na mostra “Em tempos de co-MOVER... Não Desperdice o Seu Gesto”, que ocorreu no dia 5 de outubro de 2022, às 18h30, na Sala Álvaro Moreyra. A Sala está localizada no Centro Municipal de Cultura, Av. Érico Veríssimo, 307, Porto Alegre, RS. Apresentamos em um espaço cênico público, uma experiência de palco, com todas as cadeiras ocupadas, lotação máxima, composta por uma plateia de espectadores formada por amigas, amigos, familiares e colegas da dança, que naquela noite prestigiaram nossas composições. O evento foi pensado coletivamente, inicialmente no sentido de uma aula aberta, que tomou proporções maiores, conforme reunimos e entrelaçamos as coreografias criadas em uma Mostra pensada com muito carinho, desde a criação de cards de divulgação até os releases das obras, figurinos, entradas e saídas de palco, ordem das apresentações e interações entre os colegas nas cenas.

Fui convidada para ser a primeira a apresentar em nossa Mostra, que se iniciou com todas no palco, em um aquecimento corporal conjunto. Assim como fazíamos em nossas aulas. Quando as portas se abriram, já estávamos em cena, em círculo, concentradas e em conexão, nos movimentando sob condução de Luciana Paludo. Aos poucos, as colegas se deslocam para a lateral do palco e se sentam, enquanto eu me direciono ao centro do palco com o texto de minha escrevivência em mãos. Importante relatar que a leitura da escrevivência substituiu um áudio que introduz o clipe da música “AmarElo”. A música escolhida é uma obra

do rapper Emicida, com participação das cantoras Majur e Pablio Vittar, canção que apresenta um sample da música "Sujeito de Sorte", de Belchior. Apesar de lançada em 2019, minha relação com essa música se estreitou durante a pandemia, a escutava como uma oração, assim como todo o álbum de Emicida, que também se chama "AmarElo". A música e o álbum foram apresentados ao vivo no Theatro Municipal de São Paulo, em um show que gerou um filme documentário, ambos lançados na plataforma de streaming Netflix, em dezembro de 2020.

O documentário "AmarElo: É Tudo Pra Ontem" registra os bastidores do show e das letras que compõem o álbum. O documentário e o álbum celebram a cultura, a história e as contribuições do povo negro e do movimento negro no Brasil, entrelaçadas pela história do artista Emicida desde a infância até a ocupação do Theatro Municipal para a gravação do show. O áudio de introdução da música "AmarElo" é um áudio real de um homem que está sofrendo por depressão e pede ajuda ao rapper, ele fala sobre o uso de medicações psiquiátricas e sobre a angústia de viver com problemas psicológicos que abalam sua rotina, seu eu e a vontade continuar vivo. O áudio é um pedido de socorro: a pessoa expressa não ter mais vontade de viver e a música é uma resposta... fala sobre sonhar e não desistir, mesmo com suas dores, ressignificando as cicatrizes (que são as marcas de nossas histórias), comemorando pequenas vitórias e o fato de estarmos vivos para ir atrás de nossos objetivos. A música fala sobre acreditar, ter fé e esperança. Por me tocar em um lugar sensível, foi a música escolhida para compor esta dança, no entanto a substituição deste áudio introdutório é a tomada do protagonismo de minha história, que naquele palco não gostaria de dar ênfase à dor, mas, sim, dar protagonismo sobre minhas motivações para vencer estas dores: meus sonhos, mulheres que me inspiram e me amparam, coletividade, dança e voz. Expresso essas palavras através do movimento, em uma dança que apresenta uma narrativa de desconstrução.

Após a leitura da escrevivência, me posiciono ao fundo do palco, lado direito de quem observa da platéia. De joelhos, dou início à minha narrativa dançada, elevo meu corpo aos poucos com movimentos de braços característicos do ballet em alusão ao começo de minha trajetória com dança. Estes movimentos característicos do ballet conduzem meu corpo se erguendo até o momento em que me ponho de pé e em movimentação lenta, me desloco em meia-ponta, finalizando o primeiro refrão da música com uma movimentação de braços inspirada em um "cisne". O cisne é um

signo para as transformações de minha personalidade e de minha dança. Que agora é expressa não somente pelo ballet, mas por meio de vários gêneros de dança que se misturam na composição, principalmente com alusões aos movimentos que aprendi e experienciei com o coletivo. A ponta do pé dá lugar aos pés aterrados, a postura ereta dá lugar à uma coluna malemolente e quadris que rebolam. O rosto sério dá lugar ao sorriso. O ballet se transforma em samba. No palco, encontro também alguns elementos cênicos para interação: incenso, espelho, roupas, sapatilha, livros, perfumes. Cada objeto ali escolhido por uma razão. Após interagir com os objetos, me desloco novamente pelo palco. Enquanto me movo, me liberto de técnicas codificadas, já não estou mais dançando ballet, jazz ou samba, finalizo no improviso na libertação, movimento pelo movimento. Neste momento, minhas colegas se juntam a mim em cena, onde todas dançamos juntas no palco ao seu modo. Aquela dança livre e improvisada se torna coletiva, e por fim, levantamos nossos punhos, como um sinal de resistência: resistência da dança, da arte, das artistas e seus objetivos e sonhos, ali expressos em minha dança e nas danças apresentadas a seguir.

O figurino escolhido representa o empoderamento de um corpo fora dos padrões em cena. Ao escolher uma blusa curta, deixo de me importar com a exposição de minha barriga e me liberto das amarras dos estereótipos de beleza vigentes que sabotam minha autoestima. Na parte de cima do meu figurino há uma estampa de onça que representa um animal que é símbolo de poder, um arquétipo. Na parte de baixo uma calça na cor vermelha, minha cor favorita, demarcando o contorno de minha pernas e dando ênfase ao movimento das mesmas. Meus pés, nesta dança, estão descalços e nos cabelos uso tranças nagô. Seguem algumas fotografias de Gabriehl Oliveira, as quais podem evidenciar minhas opções de figurino, expressões faciais, utilização do espaço e o uso da luz cênica no espetáculo.

Figura 14: Registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira²⁰.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 15: Registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira²¹.



Fonte: Acervo pessoal.

²⁰ Na imagem, eu, Bárbara Oliveira, estou no palco, na ponta dos pés, com os braços abertos, uso o figurino composto por um cropped de onça, calça vermelha, pés descalços e tranças no cabelo. Meus olhos estão fechados e minha cabeça direcionada ao alto. A iluminação do palco é quente.

²¹ Na imagem, eu, Bárbara Oliveira, estou no palco, meus pés estão firmes no chão, minhas mãos estão na cintura, joelhos flexionados, cabeça direcionada para meu ombro esquerdo, registrando o momento em que rebolo e me desloco no espaço do palco. A imagem é preto e branco.

Figura 16: Registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira²².



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 17: Registro de “DançarElo”, foto de Gabriehl Oliveira²³.



Fonte: Acervo pessoal.

²² Na imagem, eu, Bárbara Oliveira, estou no palco, de frente para uma toalha esticada no chão sobreposta por uma série de objetos. Em minhas mãos apresento um quadro com minha primeira sapatilha de dança, o qual seguro em direção ao público.

²³ Na imagem, eu, Bárbara Oliveira, estou no palco, sambando, com um sorriso no rosto.

Figura 18: Registro de “DançarElo”, foto de Gabrieihl Oliveira²⁴.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 19: Registro de “DançarElo”, foto de Gabrieihl Oliveira²⁵.



Fonte: Acervo pessoal.

²⁴ Na imagem, eu, Bárbara Oliveira, apareço junto de demais colegas da turma de Composição Coreográfica II, no palco da Mostra. Estou posicionada mais à frente e as colegas estão posicionadas um pouco mais atrás, cada pessoa no palco está executando um movimento diferente. A luz é quente.

²⁵ Na imagem, Bárbara Oliveira, estou no palco com demais colegas da turma de Composição Coreográfica II. A luz está baixa, mostrando somente a sombra de nossos corpos que estão centrados, todas com pernas abertas, uma mão posicionada na cintura e a outra mão com punho cerrado para cima. Todas olham para frente em direção ao público.

Escrever este capítulo e minimamente rever o meu processo, visitando registros de imagem e vídeo da Mostra, me fizeram refletir sobre a trajetória guiada até a apresentação da coreografia. Cada movimento organizado dentro da estrutura da coreografia estava ali como resposta a alguma questão lançada pela professora em aula. Em sua tese, Luciana Paludo (2015, p. 87) explica que em suas aulas de composição coreográfica, ou em demais processos criativos, trabalha a partir de instruções e tarefas. “Caso os alunos perguntem: como faço para resolver isso?, digo-lhes: da maneira que vocês entenderem que devam resolver”. Assim ela nos propôs: reproduzir um movimento de uma coreografia que marcou nossa trajetória, criar e compartilhar um exercício de bolso, escrever o nome com alguma parte do corpo, desenhar um número no espaço, escolher um movimento para compartilhar em uma roda de aquecimento, pensar e explorar movimentação em interação com as colegas, assistir as colegas, acumular movimentos e aos poucos tudo vai se organizando e tomando a forma de uma coreografia. Nossas aulas aconteciam todas às quartas-feiras à noite, na Sala Morgada Cunha. Horas dedicadas para compor e ressignificar movimentos. A experimentação dos exercícios de forma coletiva transformava nossas aulas em verdadeiros ateliês.

A composição é, antes de tudo, um exercício; um trabalho de atelier. O tempo de prática refinará alguns entendimentos a respeito. Obviamente, isso não significará garantia de sucesso da coreografia. Mas, pode ser um bom subterfúgio para se pensar uma aventura coletiva, na sala de aula de dança em que a diversidade impera (PALUDO, 2015, p. 77).

Deste ateliê, surgem obras de arte, é o que define SMITH-AUTARD (2010, p. 3, apud PALUDO, 2015, p. 37): “[...] compor uma dança é criar uma obra de arte”. Nesta Mostra, assim como em demais mostras e apresentações de dança, apresentamos obras de artes. Ao fim, convidamos ao palco a professora do curso de Dança Izabela Gavioli e a doutoranda em Artes Cênicas Ana Paula Silva dos Reis e o professor Luciano Tavares para fazerem alguns comentários sobre a experiência de assistir nossa Mostra. Foi uma honra ter a presença dessas pessoas naquela noite tão especial de estreia para nós. Em suas falas, ficou evidente a relevância da composição coreográfica em revelar os diversos processos criativos que emergem de uma graduação em dança e a potência dessas obras na cena, evidenciando aspectos particulares de cada intérprete-criador como produtor de dança ao coreografar a si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rememorar essas composições em dança, no momento em que escrevi este trabalho de conclusão de curso, me fez observar as maneiras que podemos inventar nossas danças, a partir de nossas ideias, daquilo que nos move. Penso no nosso papel, como bailarinas, neste ofício de criar, dançar e produzir as nossas danças - que são nossas ideias.

Para compor este TCC busquei em minhas memórias, em arquivos pessoais de fotografias e vídeos, registros de disciplinas. Isso possibilitou um reavivar dos procedimentos coreográficos que pude vivenciar, para então escrever. *Se lembrar é viver* novamente, escrever sobre essas lembranças é puro *escrever*. E a escrevivência de Evaristo foi sim um guia metodológico para esta pesquisa. Essa escrita não fala somente sobre mim, fala da criação de um Coletivo, fala sobre motivações para criar. Ao escrever sobre as obras do Coletivo, não me coloquei no lugar de análise das coreografias, apenas apresentei alguns pensamentos sobre composições coreográficas e os sentidos das obras, identificados por mim como integrante do grupo ao longo de seus processos. Existem diferentes interpretações sobre os sentidos das obras do Coletivo e de toda e qualquer obra de dança criada, Mônica Dantas, professora do curso de Dança da UFRGS fala sobre isso:

Deve-se ter presente que forma e conceito são aparentes, manifestam-se concomitantemente. É o que acontece em dança: a forma é uma presença imediata, que não esconde um conceito, um significado. O significado é também uma presença, mas uma presença que se manifesta de maneira instável e nebulosa. Ora, o conceito permite uma variedade de produções de sentido por um espectador: não há uma significação precisa, algo que diga claramente o que a forma deve significar (DANTAS, 1999, p. 82).

Outro pensamento sobre composição é apresentado por Smith-Artaud, a seguir:

Uma obra de arte é a expressão ou incorporação de alguma coisa formada de elementos diversos mas compatíveis como uma identidade para ser aproveitada esteticamente. Deve ser criada com a intenção do compositor de dizer algo, de comunicar uma ideia ou emoção. Na dança isso pode ser sobre pessoas, acontecimentos, humores ou até sobre o próprio movimento. A composição em dança como uma entidade pode apenas ser um retrato de emoções ou ideias. Apesar de a sinceridade da interpretação ser essencial para ser convincente, o dançarino não precisa necessariamente 'sentir' o que a dança reflete. Pelo contrário, o conteúdo do movimento cuidadosamente selecionado é uma abstração do sentimento ou acontecimentos para sugerir significados que são significantes para a ideia da dança (Smith-Artaud, Jacqueline, 2010, p. 5).

Nesse sentido, percebo que integrar o Coletivo durante seus processos criativos foi uma abstração de sentimentos. Tudo que aqui está escrito revela o significado das obras para mim, em um entendimento de que toda e qualquer composição comunica algo. Baile Black para mim significa uma celebração. A Revolta Vem à Tona significa uma indignação. Deus é Mulher significa a pluralidade do grupo e a reivindicação do nosso reconhecimento como artistas. Enquanto Deusa das Águas significa um resgate e uma conexão ancestral com nossa religiosidade, assim como Legado, obras que não integrei como intérprete, mas que foram inspiração para compor “DançarElo”. O processo de composição de “DançarElo” se ampara em experiências discentes de disciplinas que provocaram criação em dança, mas principalmente em minha trajetória como extensionista no Coletivo, que transpassa suas obras coreográficas como ferramentas de ensino em oficinas também.

O exercício de compor um solo (e um TCC) a partir de memórias da graduação, é também um exercício preparatório para o fazer docente que me espera ao concluir a Licenciatura. E, ser professora de dança, sem praticar dança é impossível. Traçar relações entre a composição do meu solo e o papel da composição na docência se torna inevitável. Pensar e escrever sobre o processo que me levou até a composição deste solo e desta escrita é um outro exercício que desafia.

Assim como na graduação, onde a composição e a criação são temas fundamentais no currículo, compor e criar são atos fundamentais de quem é artista, docente e pesquisadora. Sendo artista, ao compor uma coreografia como intérprete, sinto em minha pele, aquilo que meus alunos e alunas sentem também ao compor e interpretar. Ao passar por um processo de condução para criar, posso observar as formas como minhas professoras conduzem e me inspirar para conduzir, assim como elas, ou diferente delas. Tudo isso, é pesquisa em dança e é composição ao mesmo tempo, assim como essa monografia: uma pesquisa sobre composição é também sobre a composição de uma pesquisa. Luciana Paludo (2015, p. 13), inclusive, faz essa analogia, para ela, compor uma pesquisa é como compor uma coreografia, “engendrar uma lógica, ou, o tal do nexo, a partir dos elementos escolhidos para estarem ali”. Muitas vezes, no ato da composição, nos valemos de elementos díspares; e isso também pode ser jogo, mas, nos requer atenção redobrada”.

Aqui, falei brevemente sobre as composições coreográficas do Coletivo e sobre a composição de “DançarElo”, e, assim como posso aprofundar o estudos e escritos sobre estes processos, tenho também subsídios para pesquisar outros processos de composição, uma vez que compor em dança é uma constante no fazer artístico e docente do egresso desta graduação. Segundo o Projeto Pedagógico do curso (UFRGS, 2012, p. 5), “o Licenciado em Dança da UFRGS é o professor que atua no ensino da dança e que percebe a produção artística como forma de produção do conhecimento humano, articulando-a à prática docente e à realização de pesquisas em dança”. Tendo a criação em dança como premissa básica da organização curricular do curso de licenciatura e como uma das maiores formas de produção artística na dança, é de se pensar que a composição é uma premissa também do fazer docente do licenciado em seus campos de atuação.

A experiência discente e extensionista com processos de criação coreográficas são imersões artísticas que embasam a prática do licenciando e do egresso como artistas, docentes e pesquisadores. Surge como questão para próximas pesquisas: como a criação em dança se dá na experiência docente dos egressos do curso? Quais elementos estudados na graduação sobre o ato de compor são levados para a prática docente? O que reverbera da experiência artística na graduação com a experiência docente? Pesquisar sobre minha prática como coreógrafa fora da Universidade, bem como condutora de processos criativos será um trabalho de vida inteira.

Escrever esta pesquisa no ano letivo de 2022 foi muito desafiador, pois tanto o semestre 2022/1 quanto o semestre 2022/2 tiveram seus dias letivos reduzidos em função da pandemia. Concluo esta pesquisa com a sensação de que poderia tê-la desenvolvido com mais desdobramentos. Sinto que o que escrevo ainda é raso e pouco perante a grandeza do tema composição coreográfica no campo da dança. No entanto, entendo esta pesquisa como a introdução de um trabalho muito mais minucioso e profundo que poderá ser desenvolvido em Programas de Pós-graduação, como o Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS (PPGAC - UFRGS). Ao revisitar minhas memórias e listar processos de composição que integrei ao longo da graduação, faço um convite para que os colegas artistas da dança também revisitem seus próprios processos e percebam a potência de seus relatos e vivências.

REFERÊNCIAS

CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA UFRGS. (Org.). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança**. 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/esefid/Arquivos/COMGRAD_DAN/projeto_pedagogico.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2023.

COLETIVO CORPO NEGRA. **COREOGRAFIA DEUS É MULHER - COLETIVO CORPO NEGRA**- Projeto de Extensão do Curso de Dança UFRGS. Youtube, 22 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yTSfJJ5Tx4U&t=39s>>. Último acesso em: 19 mar. 2023.

COLETIVO CORPO NEGRA. **COREOGRAFIA DEUSA DAS ÁGUAS - COLETIVO CORPO NEGRA**. Youtube, 22 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=APQJ0JnRqSs&t=90s>>. Último acesso em: 19 mar. 2023.

COLETIVO CORPO NEGRA. **Legado: Reconstrução Ancestral**. Youtube, 28 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=APQJ0JnRqSs&t=90s>>. Último acesso em: 19 mar. 2023.

DANTAS, Mônica. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Org.). **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados: Sapucaia do Sul**. Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/sapucaia-do-sul.html>>. Acesso em: 9 jan. 2023.

NASSUR, Otávio. **Culinária Coreográfica: Desmedidas de receitas para iniciantes na Cozinha Cênica**. Porto Alegre: ed. do autor, 2012.

OLIVEIRA, Bárbara Santos de; OLIVEIRA, Aline da Silva Centeno de. **COLETIVO CORPO NEGRA 2020**. In: Salão de Extensão (21. : 2020 : Porto Alegre, RS). Caderno de resumos. Porto Alegre : UFRGS/PROEXT, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/229092/Resumo_43709.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 dez. 2022.

OLIVEIRA, Bárbara. **O Baile Black teve sua vez, teve sua voz, teve sua cor e o seu ritmo no Mix Dance da UFRGS 2016**. Porto Alegre, 11 jun. 2016. Facebook: barbaraoliveiraestudio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/barbaraoliveiraestudio/posts/pfbid0DarvR7qYyaUDQdZV oqsnJnF4rq2dC5X568o3b1aad59QiYGc8uvPDhPDLg9BUooCI>>. Último acesso em: 19 mar. 2023.

PALUDO, Luciana. **O lugar da coreografia nos cursos de graduação em dança do Rio Grande do Sul, Brasil**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RAMÃO, Thayse Eugênio. **Baile charme: um estudo de observação sociocultural de festas urbanas e étnico-raciais**. Trabalho de conclusão de graduação. Curso de Licenciatura em Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

REIS, Ana Paula Silva dos. **Modos de representação e representatividade negra desde experiências cênicas porto alegrenses**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SILVA, Adrielle Aurelina Paulino da. **Pensando as danças urbanas: origens negras, trajetória de Octávio Nassur e a composição coreográfica como articuladores do pensamento em dança**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SMITH-AUTARD, Jacqueline. **Dance Composition**. 6. ed. New York: Bedford Interactive Productions Ltd, 2010.